

Teaching portuguese language in new technologies: reflections on the practice

Fabrcio Oliveira da Silva¹

Resumo: O estudo se originou de uma pesquisa-formação com licenciandos do curso de Letras da UNEB, a partir das experiências formativas logradas no componente curricular de prática pedagógica. A centralidade das discussões apresentadas está na análise de como os professores da Educação Básica, que ministram língua portuguesa, lidam com as novas tecnologias, buscando constituir ferramentas pedagógicas para a aprendizagem na área. Objetivou-se, contudo, compreender o lugar das tecnologias nas aulas de língua portuguesa em uma escola pública estadual do interior da Bahia. Com uma metodologia qualitativa, primou-se pela observação como dispositivo de coleta de dados, por meio da qual se produziu portfólio e diário de bordo para registro dos dados. O estudo desenvolveu-se a partir de observações da prática pedagógica de professores de língua portuguesa. A ideia inicial foi a de analisar como os recursos tecnológicos são utilizados por um grupo de professores e de que maneira os recursos impactam na aprendizagem dos alunos no referido componente. Para fundamentar este estudo, tomamos por base os estudos de Alarcão (2007), Saccol et al. (2011), Silva (2000) Luckesi (2005). A pesquisa evidenciou como resultado que o uso dos recursos nem sempre se fazem presente nas aulas dos professores, sobretudo porque estes não se apropriam de conhecimentos que lhes permitam manusear os equipamentos. Conclui-se, ainda, que há uma necessidade de que os docentes se insiram no universo tecnológico, pois reconhecem nele um relevante cenário em que o ensino de língua portuguesa poderá ser potencializado.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Novas tecnologias, Interatividade; Ludicidade

Abstract: The study originated from a research-training with teachers of the UNEB Letters of course, from the formative experiences snared in the curricular component of pedagogical practice. The centrality of the presented discussion is the analysis of how teachers of Basic Education, which teach Portuguese, deal with new technologies, seeking to provide teaching tools for learning in the area. The objective, however, understand the place of technology in portuguese language classes at a public school of Bahia. With a qualitative methodology was conspicuous by the observation as a data collection device, through which produced portfolio and logbook to record the data. The study was developed from observations of teaching practice of



portuguese language teachers. The initial idea was to analyze how technological resources are used by a group of teachers and how the resources impact on student learning in that component. To support this study, we based the study Alarcão (2007), Saccol et al there (2011), Silva (2000) Luckesi (2005). The research showed the result that the use of resources not always do this in class teachers, mainly because they do not take ownership of knowledge to handle the equipment. It follows also that there is a need for teachers to enter the technological universe, as they recognize in it an important scenario in which the portuguese language teaching may be potentiated.

Key words: Portuguese Language Teaching; New technologies, Interactivity; Playfulness

Retornar esse espaço.

¹ Professor Assistente da UNEB - Universidade do Estado da Bahia e da FAN - Faculdade Nobre de Feira de Santana. Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, Feira de Santana - BA. faolis@ig.com.br



Introdução

A sociedade atual é percebida como sociedade da informação, inserida numa era digital marcada por riqueza de informações. Alarcão (2007) nos faz lembrar do poder da mídia, considerando este poder esmagador, vez que é por ela que a sociedade é amplamente informada com foco nas argumentações que a própria mídia produz. As informações são produzidas e transmitidas com uma lógica produzida na e pela mídia. Neste sentido, a mídia se torna promotora de uma cultura multifacetada.

A educação, como a economia, como a saúde, como a justiça, que são parte da sociedade também está em crise, e é por este motivo que devemos repensar o ensino, repensar a produção de conhecimentos para que a educação ganhe novos rumos e novas formas de produção cultural. Em se tratando do ensino de língua portuguesa, componente a que se atribui a missão de formar leitores críticos e conscientes do seu papel social, devemos compreender o lugar das novas tecnologias, em que a leitura e escrita sejam temas centrais e produzidos em novos espaços e cenários que se apresentam numa cultura tecnológica que a sociedade hoje vive.

O ensino de língua materna na contemporaneidade, com vistas a favorecer melhor desempenho e interesse dos alunos, deve romper com a lógica da transmissão de conhecimento, que muitas vezes considera a tecnologia apenas como aporte da produção de informações. Faz-se necessário abandonar a lógica da limitação de recursos metodológicos, que quase sempre considera o livro didático como centralidade do ensino. A prática pedagógica deve ser regida por estímulos de aprendizagem, criando situações dinâmicas em que se permita aprender a aprender, um ensino que oportunize uma construção de conhecimento, que se dá quando há processamento de informações, organização de ideias e motivação para a leitura e escrita.

Parece haver consenso em alguns autores como Moraes (2007), Santaella (2008), SIGNORINI (2001, 2006) de que o uso de tecnologias favorece a produção de textos dinamizados pelas novas tecnologias, o que consequentemente produz um ensino motivador, em que há a possibilidade de transitar entre informações e produção de conhecimento, mobilizando e dinamizando os mecanismos de leitura que o estudante faz. Desta forma, os recursos tecnológicos são capazes de acelerar a autonomia dos aprendentes, termo cunhado por Alarcão (2007), pois facilita a gestão das informações, das pesquisas, dos interdiscursos, além de promover a interdisciplinaridade e

outros fatores que impulsionam o surgimento de novas possibilidades educacionais.

Não obstante, de nada vale as escolas investirem em recursos tecnológicos sem capacitar seu corpo docente, para que estes estejam além do acesso a aqueles mas, que possam saber como utilizá-los para propiciar o processo de aprendizagem dos sujeitos. É preciso que as escolas invistam em recursos tecnológicos visando à interatividade como ferramenta tecnológica para favorecer o conhecimento, a aprendizagem do aluno. Neste sentido, será possível estabelecer relações e garantir a aproximação do aluno com o objeto de estudo, motivando-o a desenvolver suas habilidades de leitura e escrita, que com a tecnologia são amplamente potencializadas e dinamizadas.

Não cabe mais a ideia de que o ensino com tecnologia se faz com a presença dos recursos na escola. Motivação e capacitação são palavras de ordem. Assim não pode mais a escola valer-se apenas de números de computadores, de salas de vídeos, de aulas com data-show. É urgente a necessidade de uma imersão dos docentes nas novas tecnologias, a fim de que se supere a ideia de que basta apenas saber ligar e desligar esses recursos tecnológicos. O professor transferiu a escrita do quadro para o data-show e apenas isso. Às vezes se não há quem manuseie o aparelho, o docente desinteressado volta ao quadro e não cumpre o desafio de lidar com o novo, de apropriar-se de um recurso como ferramenta de trabalho que aproxime realidades e transforme informação em conhecimento.

Não se quer dizer que com o quadro não se possa realizar essa transformação, mas o que se defende é a ideia da tecnologia atual ser um suporte capaz de acelerar e transformar o ensino, e ser também uma forte aliada da ludicidade que é vislumbrada quando as práticas pedagógicas são utilizadas para motivar o aluno a buscar conhecimento, e isso pode ser feito através de games, imagens e outras representações. A ludicidade além de ser uma possibilidade de motivação está na formação do indivíduo e é segundo Lucksesi (2005) um estado interno de experiência plena, vivenciado pelo indivíduo e pode acontecer de forma individual ou de forma coletiva.

Fatores como interatividade, ludicidade, relação entre sujeitos e recursos tecnológicos se utilizados como ferramenta de aproximação entre novas tecnologias e conhecimento farão da educação um processo de troca de ações e saberes e não apenas um produto. Assim, a postura reflexiva frente ao avanço tecnológico cabe não somente ao professor, mas também ao aluno e a própria escola, um ensino proveitoso talvez só caiba dentro desse triângulo.

Nuances do ensino de Língua Portuguesa num colégio estadual do interior da Bahia

Esta pesquisa nasceu como proposta formativa do componente curricular Prática Pedagógica do curso de Letras do Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. O estudo primou por ser de base qualitativa, utilizando a observação como dispositivo de coleta de dados. Essa técnica de pesquisa favorece o levantamento de dados de modo a garantir que o dado seja coletado pelo observador em condições reais em que os fatos vão se constituindo em experiências. Aparentemente bastante simples, mas, como em tese não é de fácil aplicação. É próprio do pesquisador fazer observações – é o seu método básico para colher informações, como explica Alvarez (1991, p. 560). O pesquisador observa, sempre, mas ao fazer a observação no campo de sua pesquisa passa a desenvolver uma atenção mais incisiva, como forma de garantir que nada escape a sua percepção e olhar arguto.

Presta-se atenção em algumas coisas e não em outras, percebem-se objetos, reações, comportamentos, movimentos e pessoas de forma diferente. A observação é uma técnica que deve ser sistematicamente planejada, registrada e ligada ao contexto de levantamento que está sendo realizado. Se o pesquisador não observar estes cuidados, pode resultar apenas em um conjunto de curiosidades interessantes, mas que pouco agregam ao conhecimento do observador, portanto pouco pode contribuir para enriquecer os dados da pesquisa.

Longe de ser irrelevante, segundo Alvarez (1991, p. 560), a observação é o “único instrumento de pesquisa e coleta de dados que permite informar o que ocorre de verdade, na situação real, de fato.” Em alguns casos, a observação é usada como critério para compreender a veracidade das informações obtidas através de outras técnicas, tais como entrevistas, por exemplo. Além disso, a observação pode ser uma interessante estratégia para que o observador possa perceber como as experiências vão sendo construídas e como os sujeitos da pesquisa lidam com elas. Neste sentido, a observação tem se consagrado como um importante instrumento de pesquisa, por meio do qual os pesquisadores têm lançado mão a fim de ir a campo para, num processo interativo, sentir como os comportamentos e reações das pessoas pesquisadas pode dar pistas para que os objetos de pesquisa sejam melhor compreendidos.

Diante do trabalho proposto através das observações realizadas, é As



pertinente sinalizar as experiências formativas que se alcançou pela imersão no cotidiano do ensino de língua portuguesa na escola, sobretudo em se tratando da ótica de se compreender como as tecnologias podem ser utilizadas a fim de constituírem-se como tecnologias de aprendizagem.

Apensar se acreditar que em pleno século XXI, quando as tecnologias da comunicação e informação transversalizam o cenário educacional brasileiro, não foi surpresa constatar a pouca ou quase nula presença das tecnologias nas aulas de língua portuguesa do Colégio Estadual Ernesto Carneiro Ribeiro, situado na cidade de Saúde - BA. A realidade encontrada não causou estranheza, pois assim como todo ensino e em particular o público, a realidade é de muita precariedade no que diz respeito ao uso dos recursos tecnológicos como ferramentas pedagógicas e de aprendizagens.

Como presença na escola, as tecnologias são uma realidade, mas não são quando se trata da constituição de tecnologia de aprendizagem, pois, os professores ainda usam método de locutor receptor, talvez não por vontade própria, mas por que a escola não disponibiliza os recursos e nem promove capacitação para manejo destes. Isso não possibilita ao professor um meio para inovação nas aulas e conseqüentemente faz com que o professor fique numa zona de acomodação para desenvolver suas aulas sem nenhuma perspectiva de promover a inovação, muito menos desenvolvendo a ludicidade como forma de promover a motivação para aprendizagens nas aulas.

Em alguns momentos, o estudo evidenciou que a falta de saber manejar esses recursos faz com que o professor fique numa zona de acomodação para desenvolver suas aulas; mesmo diante de um mundo cercado por tecnologias comunicacionais, a escola deixa a desejar no incentivo às novas práticas como instrumentos educacionais.

A escola, como instituição educativa por excelência, revela a necessidade de adequação aos novos paradigmas de ensino, em que as tecnologias sejam aliadas e constituam ricos recursos pedagógicos dos quais deverá lançar mão o professor. Segundo Silva (2000, p.23) "hoje é preciso inventar um novo modelo de educação, já que estamos numa época que favorece a oportunidade de disseminar um outro modelo de pensamento", por isso a escola precisa ser outra escola, se renovar a cada dia para que assim possa criar novos estímulos àqueles que fazem parte do ambiente escolar.

Algumas discussões têm sido feitas acerca de inovações para melhor desenvolver as aulas de língua portuguesa, já que este é um componente curricular de suma importância para a formação do cidadão crítico e letrado.



novas propostas para um ensino de língua materna consideram a relevância e a necessidade do uso das novas tecnologias, vez que se trata de um suporte muito importante para desenvolver a aprendizagem dos alunos, num cenário em que as informações são agilizadas, globalizadas e revelam o dinamismo do pensamento humano. (MARCUSCHI 2002; VALENTE 2002)

Entretanto, a pesquisa de campo revelou que no caso específico do Colégio Estadual Crispiniano Rosa - C.E.C.R, a ausência de tecnologias para o trabalho em sala de aula serve para se pensar em tantos outros casos semelhantes, em que a realidade ainda é muito diferente e longe do ideário de se poder potencializar a produção de textos ancorada nas novas tecnologias digitais. Nas aulas de língua portuguesa, em que se prima pela produção textual em diferentes gêneros, quase nunca se faz uso da tecnologia. Apesar de a escola possuir um laboratório de informática com mais de quinze computadores, poucos são utilizados, assim como as TV's pendrive, que parecem terem perdido sua função na escola, constituindo tão logo uma pesa de museu, pois não são usadas e ficam apenas como elemento decorativo da sala de aula, fazendo lembrar que a tecnologia poderia estar ali presente.

Foi perceptível que as práticas pedagógicas utilizadas pelas docentes colaboradoras do estudo, e no caso em tela, foram seis que atuavam no Ensino Fundamental II da escola, sendo três no matutino e três no vespertino, não revelavam a presença da tecnologia nas aulas. No entanto havia um esforço, que com recursos tecnológicos seriam certamente dinamizados, de promover uma constante interatividade entre os alunos, vez que as professoras buscavam criar um ambiente em que os alunos participassem, dialogassem a respeito do assunto discutido, numa tentativa de fazer com que os mesmos conseguissem relacionar o que aprendiam com o seu contexto social. Mas o êxito não se concretizava, pois a turma solicitava da professora o uso dos celulares por meio da internet como forma de que pudessem transcender a compreensão da informação, gerando conhecimento, que seria fruto da interatividade e do dinamismo com que leriam e interpretariam as informações na rede.

Esse é o caso, em que muitos professores lançam mão do recurso do whatsapp, por exemplo, em que em uma aula com um tema qualquer, o professor solicita a produção coletiva dos estudantes em grupo, previamente estruturado. Cria-se um grupo e o professor solicita a produção de textos a partir de base linguística, usando palavras, mas também imagem. Seguem-se discussões fora da sala e também nela. O interessante de uma atividade como essa é que os alunos dinamizam a produção textual e se inserem num recurso

que facilita a leitura, a interpretação e a criação de textos com linguagem mista, em que as imagens e vídeos são elementos acessórios no processo de produção e de criação. Segundo Silva (2000, p.20),

Interatividade é a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, ao mesmo tempo atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações “presenciais” ou “virtuais” entre seres humanos.

Partindo desse pressuposto e com base nas observações, nos dados coletados, registrados em portfólios e diários de bordo, foi possível concluir que apesar de não ter ocorrido uma interação da turma por meios tecnológicos nas aulas de língua portuguesa, houve uma interação entre os estudantes, como também a afetividade, pois nas aulas se costuma desenvolver uma socialização de pesquisas em rede que os alunos fazem fora da escola, mas que permite a eles se relacionarem, estabelecendo diálogo, confiança e até mesmo confronto de ideias. Dessa forma, foi notória a condição de interatividade da turma, em que cada um expôs suas opiniões a respeito dos assuntos discutidos, acontecendo assim, uma troca de experiências. Em alguns depoimentos, pode-se notar que mesmo havendo interação entre sujeitos, a ausência dos recursos tecnológicos causa dificuldade de interação e não garante que a ludicidade e motivação estejam presentes nas aulas. O julgamento dos alunos é que a escola, e conseqüentemente as aulas, é chata, pois o bom mesmo é fazer a leitura e a pesquisa em rede, onde se verifica a existência de um dinamismo na produção de opiniões, informações e reflexões. E isso os estudantes fazem fora da escola, mas reconhecem que nela seria o lugar ideal para ocorrer tal situação do uso das tecnologias a serviço da aprendizagem nas aulas de língua portuguesa.

Essa posição foi ratificada na fala de um estudante, aqui, por questões de ética na pesquisa, chamado de Mário, quando considera que “a falta dessas tecnologias acabam por diminuir a atenção e o estímulo e não permite a gente interagir e brincar com a aprendizagem”. A partir disso compreende-se o quão relevante se torna nas aulas o uso desses recursos, o que pode potencializar a aprendizagem, como também estimular a frequência dos mesmos no ambiente escolar, para que assim possa acompanhar as novas exigências do mundo contemporâneo, voltado cada dia mais para práticas educacionais inovadoras, pois na era da informação e da comunicação, prima-se pela manutenção da era do conhecimento significativo. A escola já

não detém o monopólio do saber, assim o professor também precisa alinhar seus conhecimentos com aulas voltadas para as novas exigências tecnológicas, pois o aluno, já não é mais um mero receptor da informação.

Apesar das aulas observadas terem sido todas trabalhadas com o uso do livro didático, percebi uma preocupação por parte dos educadores em trabalhar com textos que tivessem alguma relação com o contexto social de seus alunos, pois no momento em que utilizaram um texto retirado do livro: O Quinze de Rackel de Queirós, fazendo um contraponto com a poesia do escritor Patativa do Assaré “Nordestino sim, Nordeste não” os alunos estabeleceram relação com a seca a qual eles também são afetados, visto que grande parte dos estudantes da unidade de ensino, é da zona rural. Essa é uma forma válida de estabelecer a interatividade entre os alunos, considerando a questão da temática social que os liga de alguma forma.

Considerando o trabalho de leitura e discussão desses dois textos e a maneira como os docentes fizeram a mediação para que os mesmos discutissem sobre o assunto tratado, e relacionassem com o contexto social em que estão inseridos, é válido afirmar que a prática educativa corrobora com a ideia de construção de um saber e não de transferência de conhecimento, pois como afirma Alarcão (2007, p.30) “criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e a auto confiança nas capacidades individuais para aprender são competências que o professor de hoje tem de desenvolver”. Logo, a escola a cada dia tem que se reinventar, dar autonomia aos sujeitos para que eles possam ir em busca do conhecimento, compreendendo as noções de mundo, afim de que o ambiente escolar forme um cidadão para além do mesmo, que é a sociedade, a qual exige cidadãos de espírito indagador e questionador. E é neste cenário que as tecnologias precisam fazerem-se cada vez mais presentes na sala de aula, tanto na vida dos professores como na dos alunos.

Diante dos dados frutos da observação e sobre os quais foi possível compreender a dinâmica das aulas de língua portuguesa, conclui-se que a escola ainda deixa a desejar no quesito da inclusão de novas tecnologias no ensino de língua portuguesa, visto que os professores apesar de serem competentes e dinâmicos não promovem situações, muito menos lançam mão dos recursos tecnológicos, com vistas a promover aulas que sejam interativas e lúdicas. Poderiam potencializar as aulas, caso desenvolvessem-nas através dos recursos tecnológicos. De acordo o que opinam alguns dos estudantes, apesar das aulas serem interativas nunca foi utilizado nenhum recurso além do livro didático nas aulas de língua materna.

No entanto consideram positivo em outros componentes o uso de Data-show e computador, mas lamentam que não têm acesso a sala de informática.

Já considerando o que sinalizam alguns docentes colaboradores do estudo, não utilizam os recursos porque lhes falta conhecimento operacional para isso. Preferem, contudo, se manterem afastados e lançarem mão de outros recursos didático-metodológicos, mais tradicionais, mesmo conscientes da utilidade que os recursos tecnológicos poderiam promover em suas aulas.

Essa situação indica a realidade de muitos professores, principalmente os que já exercem a profissão há muitos anos, como é o caso de alguns colaboradores da pesquisa. Portanto, a escola também precisa atentar para essas situações, pois se os professores têm que se adequar a essa nova realidade que estamos vivendo, a instituição precisa procurar meios para tentar resolver ou pelo menos amenizar essa situação, oferecendo possibilidades para que esses profissionais se capacitem para o uso das tecnologias, já que essa é uma exigência e uma realidade da nova geração. Vale lembrar que tal mudança não depende somente da escola, o corpo docente também precisa está aberto às novas mudanças do mundo da tecnologia da informação, como afirma Silva (2000, p.72)

O professor terá que saber que não se trata de hipostasiar o novo paradigma, mas tomá-lo em recursão com o tradicional, ou seja, terá que saber que, de fato, há uma mudança nos protocolos e nos processos de leitura, mas que o livro de papel em seu paradigma linear, sequencial, não pode ser invalidado. Em suma, a distinção é oportuna, a separação não.

O que se conclui é que durante as aulas observadas, o método do trabalho de leitura de textos na sala é tido como sendo muito positivo pelos alunos, mesmo sem o apoio dos recursos tecnológicos. Consideram que o trabalho com textos não é utilizado apenas como pretexto para se trabalhar a gramática, mas de modo a contextualizar os sentidos que as palavras ganham na tessitura do texto, como também na abordagem que os professores fazem. Talvez esse seja um indicativo de compensação, vez que o professor busca inovar e buscar superar o tradicionalismo do trabalho com textos a partir do livro didático. Neste sentido, optam os docentes por desenvolver uma prática pedagógica que valorize satisfação dos alunos, buscando trabalhar de forma lúdica e descontraída.

Ao longo das observações e diante das propostas trazidas através de um ensino de língua portuguesa voltada para os recursos multimodais é importante compreender que essa realidade está presente não apenas no

colégio em que se desenvolveu a pesquisa, mas também numa grande maioria das escolas públicas, vez que mesmo alguns recursos tecnológicos a serviço da aprendizagem, ainda estão voltadas para o ensino tradicional como diz Silva (2000, p.70).

A escola não se encontra em sintonia com a emergência da interatividade. Encontra-se alheia ao espírito do tempo e mantém-se fechada em si mesma, em seus rituais de transformação, quando seu entorno modifica-se fundamentalmente em nova dimensão comunicacional.

Situação esta não mais aceitável pelos próprios alunos, na qual segundo eles a falta destes recursos não traz motivação alguma para as aulas.

Partindo desse pressuposto, é notório que a tecnologia é uma grande aliada para a renovação das práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa, já que a falta desta é uma cobrança dos próprios alunos, que revelam conhecer a funcionalidade da tecnologia na escola, sobretudo nas aulas de língua portuguesa. Contudo é interessante destacar que o uso desses recursos não garante totalmente a aprendizagem. Não se trata de atribuir ao uso da tecnologia a motivação e garantia de aprendizagem na escola. A pesquisa revela apenas uma discussão que parte da própria escola e de como ela lida com esses recursos, de modo a compreender qual a contribuição da tecnologia nas aulas de língua portuguesa.

Numa época em que a comunicação deixa de ser apenas tecida entre professor e aluno na escola e ultrapassa fronteiras, como, por exemplo, a comunicação através das redes sociais utilizadas pela grande maioria dos alunos, é preciso que escola e professores adotem uma nova modalidade comunicacional, capaz de revigorar o compromisso social da escola com a formação dos novos cidadãos, a fim de poder proporcioná-los uma ludicidade não somente com aulas que tragam momentos de diversão, mas que acima de tudo possam despertá-los para um novo ensino que busque valorizar o interior de cada um. Isso sugere que a interatividade passe a integrar ações que promovam a experiência do aprender de forma dinâmica, integrada e atualizada.

É nessa perspectiva que Luckesi (2005) define a ludicidade como sendo uma atividade que só poderá ser plena para uma pessoa como sujeito se ele poder vivenciar a “plenitude da experiência”. Por isso aulas mais dinâmicas, com apoio de recursos tecnológicos, podem trazer esse estado de satisfação e de entendimento.

Assim, a escola precisa se reinventar para se adequar a esses novos

recursos, principalmente no que diz respeito ao ensino de língua materna, pois podemos perceber no decorrer da pesquisa que a instrução ainda é trabalhada no modelo tradicional, por meio do qual não seja possível trazer bons resultados, pois os alunos ao saírem do ambiente escolar poderão não saber como e nem onde utilizar bem seus conhecimentos linguísticos. Nesta ótica, trabalhar o ensino de língua desassociado do uso de novas tecnologias é empobrecer o método de ensino, voltado apenas para a formação de meros decoradores de regras onde os conhecimentos adquiridos servem apenas para responder provas e demais exames na escola. Faz-se necessário que o corpo docente reveja, reavalie suas práticas, pois, como afirma Alarcão (2007), o professor reflexivo, numa escola reflexiva precisa repensar a sua prática a todo momento, elaborar seus planejamentos a partir do contexto social dos alunos, não se restringindo apenas ao cronograma estabelecido pela escola, mas adequar-se a realidade dos educandos e transformar as informações em conhecimento.

Como já discutido anteriormente, algumas práticas de ensino com tecnologia, a exemplo do uso de blogs, watsap, youtube, entre outros, poderão e devem ser adotadas para um melhor desenvolvimento da aprendizagem em língua portuguesa, dinamizando e potencializando o desenvolvimento de leitura e produção reflexiva do conhecimento. Vale ressaltar que algumas práticas pedagógicas já são utilizadas na escola em que o estudo se desenvolveu e primam por promover o incentivo à leitura e ao modo como o educador faz uma mediação, levando os discentes a estabelecerem relações com suas próprias realidades. A prática da leitura evidenciada na pesquisa indica que a mesma é fruto do ato que vai muito além do ato de decodificar. A leitura é valorizada e produzida na lógica de garantir atribuição por parte dos alunos de sentidos ao que foi lido, mesmo sem o uso das tecnologias na sala de aula.

Os docentes entendem que, não pela ausência dos recursos tecnológicos nas aulas, a compreensão de um texto como um todo coerente, é objeto da prática de leitura interativa em que os estudantes se tornam capazes de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida. Reconhecem que isso seria muito mais fácil se utilizassem os recursos tecnológicos nas aulas. No entanto entendem que suas práticas facultam aos estudantes se apropriarem dos conhecimentos explícitos e implícitos nos textos, tornando-os mais reflexivos, pois como afirma Alarcão “a reflexividade está na base em que o sujeito se apropria da informação e consegue utilizá-los em diversas situações”.

Considerações finais *Nequito*

O estudo evidenciou a relevância de se trabalhar com a tecnologia nas aulas de língua portuguesa, para além da noção de uso pelo uso do computador na sala de aula. A discussão sobre interatividade e ludicidade transversalizam as práticas pedagógicas dos professores de língua portuguesa, e buscam proporcionar maior aprendizagem dos alunos, mesmo não estando diretamente relacionadas ao uso de tecnologia na sala de aula. A ludicidade é entendida como um ato de produção plena de experiência, em que o sujeito vê sentido para aquilo que desenvolve na escola.

A partir da observação e produção de portfólios e diários de bordo, além de escuta às opiniões emitidas por professores de língua portuguesa de uma escola estadual do município de Saúde no interior da Bahia, bem como a dos estudantes, foi possível analisar o lugar das tecnologias na sala de aula, sobretudo quando a elas se atribui o papel de dinamizar e otimizar a aula. A pesquisa considerou que para além da existência de recursos tecnológicos na escola, compete a instituição instrumentalizar o professor para que este se aproprie do conhecimento operacional dos recursos tecnológicos, e destes lancem mão para potencializarem suas aulas, promovendo maior condição de interatividade e de ludicidade.

Considerando o cenário em que as tecnologias precisam ser aliadas do professor, refletiu-se sobre as noções de reflexividade ancoradas por Alarcão (2007), entendendo que o ensino de língua será cada vez mais enriquecido se estiver alinhado com as novas tecnologias, por meio da qual o professor poderá usar recursos variados, como os disponíveis em aplicativos como whatsapp, youtube, blogs, entre outros, a fim de garantir que a produção, reflexão e leitura textual sejam constantes na sala de aula. Um professor reflexivo não planeja suas aulas em função apenas de um cronograma escolar, mas em função do contexto social de seus alunos, e é capaz de repensar sua prática, seu método de ensino. Um aluno reflexivo não se acomoda e não aceita apenas receber informações, é, portanto, um indagador e um descobridor de conhecimentos.

Uma escola reflexiva não é somente uma instituição imparcial, mas é aquela que trabalha de forma coletiva, avalia-se permanentemente, e faz dos alunos colaboradores, além de contextualizar-se com a sociedade em que está inserida. Nesta lógica e inserida num contexto em que as tecnologias estão presentes e são funcionais, a escola se coloca em constante processo de desenvolvimento. Quanto às novas tecnologias não há como e nem

poderia eliminá-la da escola. Aos professores compete ir além das noções básicas de como trabalhar com os recursos tecnológicos em sala de aula. É preciso que escola, educadores, responsáveis e a sociedade se coloque de forma autônoma e domine muito bem recursos tecnológicos, fazendo-os aliados.

Portanto, se faz necessário que estes adentrem ao ambiente educacional de maneira que auxiliem para um melhor desenvolvimento das aulas de língua portuguesa e conseqüentemente na educação como um todo, visto que os alunos da contemporaneidade não estão mais aceitando práticas de ensino de língua que se centrem apenas ao livro didático e a lousa. Uma vez que eles têm acesso a outros meios considerados muito mais dinâmicos e interativos, cabe a escola apropriar-se de uma prática educativa que promova um ensino mais atraente e contextualizado com as questões sociais e contemporâneas. Logo a escola juntamente com o corpo docente tem que se adaptar aos novos meios de aprendizagem para conseguir desenvolver um ensino de qualidade frente a essa nova era de comunicação.

Referências *Nezito*

ALARCÃO, Isabel: Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva. 5.ed.- São Paulo, Cortez, 2007.

Diminuir espaçamento
ALVAREZ, Maria Esmeralda Ballestero. Organização, Sistemas e Métodos. São Paulo: McGraw Hill, 1991, v. 1 e 2.

LUCKESI, Cipriano Carlos: Ludicidade e Atividades Lúdicas: Uma Abordagem a partir das Experiências Internas. Salvador. UFBA. 2005

MARCUSCHI, L. A. Gêneros virtuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo - GE, 2002.

MORAES, M. A. A produção do gênero dissertativo: reflexões sobre o uso da Internet na escola. Dissertação de mestrado. IEL/ UNICAMP, 2007.

SACCOL, Amarolinda. SCHLEMMER, Eliana, BARBOSA, Jorge M. leanin e u-learning: Novas Perspectivas de Aprendizagens Móvel e Ubíqua. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SANTAELLA, L. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, I. (org) [Re]Discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Marco. Sala de Aula Interativa. Rio de Janeiro: Quarret, 2000. 232p.

SIGNORINI, I. (org.) Investigando a relação oral/escrito e as teorias de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SIGNORINI, I. (org.) Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Ensino de

VALENTE, J. A. A espiral da aprendizagem e suas tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos. IN.: A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.